

**Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade Acadêmica de Letras**

Joselita de Oliveira Correia

**CONFABULANDO COM LOBATO
NA SALA DE AULA**

**Campina Grande – PB
2010**

Joselita de Oliveira Correia

CONFABULANDO COM LOBATO NA SALA DE AULA

Trabalho de conclusão de curso realizado para a disciplina Redação Científica como exigência para o cumprimento da grade curricular do curso de Licenciatura Plena em Letras, UFCG.

Orientadora: Maria Marta dos Santos
Silva Nóbrega

**Campina Grande – PB
2010**

Joselita de Oliveira Correia

CONFABULANDO COM LOBATO NA SALA DE AULA

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras da Universidade Federal de Campina Grande, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Professora Maria Marta Nóbrega - Orientadora

Professor Hélder Pinheiro - Examinador

Campina Grande
2010

DEDICATÓRIA

A DEUS

Que me presenteou com a vida e deu-me a graça de lutar e vencer mais uma etapa da minha vida. Tu és o que me sustenta. É preciso saber dizer: *muito obrigada, meu deus.*

A MINHA MÃE

Que compartilhou dos meus ideais, incentivando-me a prosseguir fosse quais fossem os obstáculos. Seu companheirismo, sua entrega e seu amor foram fundamentais para que eu alcançasse esta vitória, que é *nossa.*

AGRADECIMENTOS

A DEUS

Quero desfrutar deste momento para te agradecer na certeza de que sempre estivestes comigo em todos os momentos desta caminhada.

AOS MEUS PAIS

Pedro Inácio de Oliveira Filho (em memória) e Judit de Oliveira Correia que comigo lutaram para que essa conquista fosse realizada.

A vocês, o meu muito obrigado.

A MINHA FILHA

O meu obrigado se estende principalmente a minha pequena Fernanda que mesmo nos momentos de ausência manteve-se sempre ao meu lado. Agradeço pela compreensão, na certeza de que, o que fiz foi também por você.

AOS MEUS IRMÃOS

Gostaria de agradecer a todos vocês que me auxiliaram de forma simples ou mais complicada na concretização deste sonho.

AOS PARENTES E AMIGOS

Foram muitos os que me ajudaram a chegar até aqui. A ajuda de todos foi grandiosa. Mas, quero agradecer em especial a Mônica Vieira por proporcionar-me momentos de carinho e atenção.

AOS MESTRES

Fica aqui minha gratidão por tudo que destes de vós, ampliando meus conhecimentos e levando-me a superar as dificuldades, as limitações ou fracassos sem humilhações e estimulando em mim a criatividade e responsabilidade.

A MINHA ORIENTADORA

Marta Nóbrega da Silva meu abraço fraterno e sincero por toda colaboração para a conclusão desse estudo.

AOS PROFESSORES DA BANCA EXAMINADORA

Pela presença e participação em um momento tão especial da minha vida.

AOS FUNCIONÁRIOS

Meus sinceros agradecimentos a vocês que transformaram seus dias de trabalho em serviços dedicados a minha formação profissional.

“Amanhã,
Sustentados pelo riso
Estaremos como hoje
Distantes do momento de partida
Com a lembrança da bandeira erguida
Que tremulará no largo espaço da vida
E na ventura estaremos agradecidos
Pelos frutos deixados no caminho
E pela amizade levada para sempre”.

Iran Rio

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência na sala de aula e tem como objetivo discutir a questão da leitura através de algumas fábulas de Monteiro Lobato. Reconhecendo aspectos relacionados ao lúdico presente na fábula desse autor e refletir acerca das contribuições destas para uma experiência positiva de leitura, resolvemos por em prática um projeto de leitura que contemplasse esse gênero textual e que fosse significativo para os sujeitos de nossa pesquisa, alunos do 7º ano de uma escola da rede pública da cidade de Assunção-PB. No primeiro capítulo procuramos ressaltar a importância da leitura para o desenvolvimento integral do ser humano. Como nossa pesquisa está voltada para a leitura literária procuramos ainda estabelecer a importância da leitura literária na sala de aula. No segundo capítulo procuramos refletir sobre a contribuição da Literatura infantil para o desenvolvimento da aprendizagem de forma eficiente. No terceiro capítulo, apresentaremos as contribuições da literatura do autor Monteiro Lobato para despertar o gosto pela leitura em crianças, jovens, adolescentes e até mesmo em adultos. E por fim, apresentaremos algumas considerações finais e os referentes anexos.

Palavras-chave: leitura, leitura literária, fábulas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____ 10

CAPÍTULO I

A leitura em evidência _____ 13

1.1. A importância da leitura literária na sala de aula _____ 15

CAPÍTULO II

A literatura Infantil aliada à aprendizagem eficiente _____ 18

CAPÍTULO III

Lobato na sala de aula _____ 22

3.1. Do contexto fabulístico à cena escolar _____ 23

CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ 38

IV ANEXOS _____

Anexo I _____

Anexo II _____

Anexo III _____

Anexo IV _____

INTRODUÇÃO

O processo de construção de sentido do texto literário acontece de forma diferenciada para cada leitor, pois, este tem ritmo próprio, influenciado pela percepção de mundo e capacidade de co-relacionar a experiência de vida com aquela representada no texto. Quando a leitura é realizada no espaço escolar, é fundamental que o professor tenha consciência desse processo e busque relacionar textos e estratégias metodológicas que possam desenvolver práticas de leitura mais significativa.

Nesse sentido, a leitura literária deve ser priorizada desde o nível fundamental de ensino. Visto que, o ludismo presente nos textos destinados ao público juvenil possibilita ao leitor assimilar e questionar valores, ao mesmo tempo em que o estimula a alcançar caminhos que o levará até a vida adulta.

Os textos destinados ao público infantil, por possibilitarem ao leitor aliar imaginação e realidade, ao longo dos tempos vem sendo um veículo de conhecimento, de sonhos e devaneios, fazendo-se, pois, necessários enquanto prática rotineira na sala de aula.

Como profissional da educação na *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Rogério Dias de Toledo* do município de Assunção, atuando há 12 anos, observamos que uma das maiores dificuldades encontradas pelos alunos durante as aulas de leitura incide na construção de sentido para o texto literário. Muitos não conseguem ler além do que está escrito. Tornando a leitura apenas uma decodificação dos signos lingüísticos.

A constatação deste fato, aliada à concepção de leitura que adquirimos ao longo do curso de letras da UFCG, deu origem a nossa motivação em elegermos, como objeto de pesquisa, os efeitos de uma ação planejada da leitura de fábulas de Monteiro Lobato por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Assunção-PB.

As fábulas, inicialmente, selecionadas para leitura em sala de aula foram: *A cigarra e as formigas, O rato da cidade e o rato do campo, O velho, o menino e a mulinha, O touro e as rãs, O galo que logrou a raposa, O sabiá e o urubu, O cão e o lobo, O ratinho, o gato e o galo, Segredo de mulher e As duas panelas*. Nesse gênero literário, o autor norteia discussões nas quais, podemos ajudar meninos e meninas a entenderem, através da brincadeira, os seus

papéis na sociedade e à medida que se desenvolvem, os alunos aprendem passo a passo a importância da leitura. Dessa forma, desenvolvem também o prazer de ler tornando-se capazes de compreender os outros e o mundo ao seu redor. Isso acontece por sabermos que o sujeito em todos os momentos está em processo evolutivo do saber e a leitura contribui para que isso aconteça de forma eficiente.

A partir da leitura destas fábulas, cremos ser possível demonstrar as tensões que envolvem as relações dos seres humanos na sociedade brasileira que marcaram o tempo de Lobato e que ainda marcam a nossa realidade hoje. A máxima destas tensões gira em torno de que não adianta o fraco se associar ao forte.

Além disso, o trabalho com as fábulas de Lobato torna-se um importante meio de iniciação literária, já que em seus textos o autor apresenta situações cotidianas que fazem parte da vivência dos alunos. Com isso, os mesmos despertam interesse pela leitura como também se utilizam de elementos do folclore e da tradição popular brasileira. Deste modo, acreditamos que o aluno leitor poderá refletir a cerca da realidade que o cerca através do tom moralizante e lúdico que os textos apresentam.

Ao longo dos capítulos que compõem esta monografia, procuraremos responder a seguinte inquietação: O gênero narrativo “fábula”, quando utilizado em sala de aula, contribui para estimular a percepção crítica e literária do educando?

Orientada por essa preocupação, elencamos a seguir os objetivos da pesquisa realizada:

- Discutir valores morais através de algumas fábulas de Monteiro Lobato.
- Reconhecer aspectos relacionados ao lúdico presentes na fábula de Lobato.
- Refletir acerca das contribuições das fábulas para uma experiência de leitura literária por alunos do Ensino Fundamental.

Para nos auxiliar nas reflexões acerca da importância da leitura, da sua aquisição e dos seus procedimentos de trabalho na escola, buscaremos orientações em autores como, Paulo Freire, Ângela Kleiman, Marisa Lajolo, Emília Ferreiro, entre outros e, nos PCN's, como documento oficial. Para desenvolver a nossa pesquisa em sala de aula optamos por trabalhar o livro de Monteiro Lobato intitulado “Fábulas” da editora Brasiliense, 15ª reimpressão, 2004.

As reflexões teóricas, a construção da metodologia e o trabalho voltado à análise dos dados coletados em sala de aula conferiram a essa monografia uma organização em três capítulos.

No primeiro capítulo procuramos ressaltar a importância da leitura para o desenvolvimento integral do ser humano, evidenciando possíveis perspectivas para que o professor possa refletir sua prática enquanto formador de leitores. Como nossa pesquisa está voltada para a leitura literária, procuramos ainda estabelecer a importância da leitura literária na sala de aula.

No segundo capítulo procuramos, através de autores como Cadermatori (1986) e Lerner (2002) entre outros, refletir sobre a contribuição da Literatura infantil como colaboradora para o desenvolvimento da aprendizagem de forma eficiente, observando que esta vem despertando o interesse dos jovens para a leitura prazerosa.

No terceiro capítulo apresentaremos as contribuições da literatura do autor Monteiro Lobato no despertar pela leitura em crianças, jovens, adolescentes e até mesmo em adultos.

Falaremos um pouco sobre suas obras, mais especificamente, suas contribuições para a leitura de crianças pequenas.

Em seguida apresentaremos algumas considerações finais e os anexos.

CAPÍTULO I

A leitura em evidência

É indiscutível a importância da leitura na vida do ser humano pois, vivendo numa sociedade letrada como a nossa não é mais admissível encontrarmos pessoas que não saibam ler, ainda que vivendo situações de letramento. Sabemos que existem algumas exceções, mas o pensamento dos representantes das políticas públicas para a educação do governo federal é erradicar o analfabetismo no Brasil.

Percebemos essa perspectiva governamental, nos PCN's (2001) de Língua Portuguesa que, além de propor os conteúdos mínimos relacionados à língua oral, língua escrita e análise e reflexão sobre a língua, apresentam as propostas de trabalho a serem desenvolvidas em cada ciclo. Esse mesmo documento também aponta a leitura como sendo o principal veículo para a formação de leitores competentes. Nessa perspectiva, a leitura deve ultrapassar a concepção da decodificação:

Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual, os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc. (PCN's, 2001, p.53)

Dessa forma, podemos perceber as dimensões que esse documento aponta para a importância da leitura no nosso cotidiano. Seguindo ainda esse documento oficial, podemos definir leitura como:

[...] um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: característica do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Assim, em uma definição mais abrangente, a leitura significa a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos de acordo com a interpretação do leitor.

Segundo Ferreira (2001, p. 423) “ler é percorrer com a vista (o que está escrito), proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as; decifrar e interpretar o sentido de.” A partir desses sentidos dicionarizados já é possível perceber que a leitura, “ato, arte ou hábito de ler”, vai além da decodificação de letras. É a compreensão de uma mensagem codificada em signos visuais.

Diante da importância da aquisição da leitura e da possibilidade que ela oferece ao ser humano de conhecer sua realidade, compreende-se que a atividade pedagógica, desde cedo, tem como condição fundamental contribuir para que a criança adquira a capacidade de ler de modo que tenha acesso a toda informação disponível em um mundo letrado.

Segundo Fischer (2006, p. 11) a leitura em décadas anteriores consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, ou seja, na mera decodificação. Mais tarde, foi acrescido a esse contexto, quase que de modo exclusivo, a compreensão e a interpretação.

Mais recentemente, foi incluída também a extração de informações codificadas de textos diferenciados como: quadros, fotos, tela eletrônica, cartazes, entre outros. Percebemos deste modo, que a concepção de leitura continuará, certamente, a se expandir no futuro porque assim como qualquer outra aptidão ela também é um indicador do avanço da própria humanidade.

Nessa perspectiva de leitura não se pode mais compreender o leitor como um sujeito passivo executando uma ordem de cima para baixo, mas considerá-lo numa perspectiva ativa e participativa, interpretando e dando sentido a cada texto lido.

Sabendo que a leitura vai além da decodificação das letras, como ressalta Maria Helena Martins (1994) no livro *O que é leitura*, pode-se dizer que o ato de ler está geralmente relacionado à escrita. Assim, mesmo a leitura acontecendo antes da escrita esses dois processos não podem ser separados, pois, um não caminha sem o outro.

Algumas pesquisas demonstram que a leitura representa uma atividade lúdica quando executada fora da escola, mas, no seu interior essa atividade se caracteriza como uma imposição, pelo fato de que alguns gêneros literários muitas vezes só são utilizados pelos professores em sala de aula para trabalhar questões gramaticais, sem nenhum valor estético. Sobre esse ponto de vista, podemos citar Zilberman (2003, p. 26):

A seleção dos textos advém da aplicação de critérios de discriminação. O professor que se vale do livro para a veiculação de regras gramaticais ou normas de obediência e bom comportamento oscilará da obra escrita de acordo com um padrão culto, mais adulto, àquela criação que tem índole edificante. Todavia, é

necessário que o valor por excelência a guiar esta seleção se relacione à qualidade estética.

Portanto, a partir dessa constatação percebe-se que há caminhos possíveis para se dar início à leitura e à literatura na sala de aula de forma coerente, respeitando os objetivos de cada uma delas. É provável que aprender a ler e a gostar de ler textos que têm uma determinada qualidade literária ajude a formar o gosto e o prazer pela leitura.

1.1. A Importância da Leitura Literária na Sala de Aula

Sabe-se que a leitura é uma atividade que deve ser ensinada na escola, no entanto, gostar ou não de ler depende muito de cada leitor, ou seja, do contato que ele teve ou tem com o texto escrito. Esse texto escrito, por mais que se pense ao contrário, está presente na vida das crianças mesmo antes delas irem para a escola. Pesquisas atuais revelam que quando perguntadas sobre o despertar do gosto pela leitura literária, as crianças, nas suas respostas, atribuem esse fato aos familiares mais próximos, como pai, mãe, tios e só por último aos professores. Isso demonstra que a leitura mesmo tendo sua importância reconhecida por todos, ainda não é trabalhada na escola para se transformar numa atividade prazerosa.

Aqui entendemos a importância da leitura numa perspectiva lúdica vista como atividade prazerosa concordando com Santos (2001, p. 13) quando diz que:

Na literatura pertinente ao assunto, o lúdico deixa de ser focado como uma característica da infância, abandonando-se a idéia romântica do brincar apenas como uma atividade descomprometida de resultados e passou a ser colocada em patamares bem mais elevados e com conotações que envolvem todas as fases do desenvolvimento humano.

Nesse processo de aprendizagem, onde o professor realiza um trabalho eficiente com o texto literário através do lúdico, o aluno aprende a classificar sua leitura pela qualidade e não pela quantidade.

Ultimamente já existem muitos professores que estão trabalhando com o texto literário na sala de aula de forma mais dinâmica, lúdica e prazerosa, com o intuito de formar alunos leitores e assim estimulá-los ao desejo de conhecer outras leituras, expandir o conhecimento de mundo e possibilitar o uso da fantasia e da imaginação.

Além dessas razões para se trabalhar o texto literário na escola, podemos dizer também que ele é um complexo fenômeno estético, no qual autor e leitor partilham de um mundo de ficção que permite ao leitor reviver a sua história, vivenciando-a e, ao mesmo tempo, refletindo-a. É nesta situação que a escola revela sua importância no processo de formação do sujeito leitor/cidadão, evidenciando assim, uma realidade que o educa como um ser para o mundo.

A literatura tem como uma de suas funções a representação do real. O crítico e sociólogo Antonio Candido (1972, p.53) constrói o seu conceito de literatura dizendo que:

A arte, e, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade [...].

Na citação acima, Candido apresenta alguns vestígios para que se possa classificar uma obra como literária ou não. Esse elemento é a linguagem. Essa classificação é feita por Barthes como a *linguagem literária*, que estabelece uma nova ordem para as coisas representadas, mantendo uma ligação com a realidade natural. Também Marisa Lajolo (1981, p.38) afirma que a linguagem tem um papel determinante na classificação de uma obra como literária:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana.

Percebe-se, portanto, que a função exercida pela linguagem é de suma importância para que uma obra seja tida como obra de arte literária. E nessa possibilidade, entra a escola como espaço de circulação desse gênero textual.

De acordo com o trabalho em sala de aula, referente à literatura, Zilberman (1982: 28), relata que:

-O professor que se utiliza do livro em sala de aula não pode ser igualmente um redutor, transformando o sentido do texto num número limitado de observações tidas como corretas (procedimento que encontra sem limiar nas fichas de leitura cujas respostas devem ser uniformizadas, a fim de que possa passar pelo crivo do certo e do errado);

-Ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões interpretações pessoais, porque decorre da compreensão que o leitor alcançar de objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.

Assim, através dessa citação, percebe-se a importância de refletir sobre a prática pedagógica quando referido ao trabalho com a literatura em sala de aula. Dessa forma, se percebe a importância de o professor, atento a sua prática escolar, despertar para o fato de que é necessário um conhecimento mais específico para desenvolver o trabalho com o texto literário, inclusive buscar conhecimentos sobre o que os alunos já leram, e sobre o que eles gostariam de ler.

Como exemplo de texto literário que pode ser trabalhado em sala de aula as fábulas se apresentam como uma excelente opção por apresentarem objetividade e ausência da descrição. A fábula é composta predominantemente do diálogo seja direto, indireto ou misto, podendo ocorrer o monólogo. Nesse gênero literário o narrador é uma peça fundamental, uma vez que tanto a situação quanto o resultado são apresentados por ele, a ação e a reação ficam por conta das personagens. Estas se apresentam em número reduzido e caracterizando-se sempre como estáticas ou planas são preferencialmente animais, pois as ações estabelecidas entre o comportamento humano e o animal são mais facilmente reconhecidas.

Esse gênero textual apresenta-se como favorável na sala de aula pela sua característica discursiva e pelo fato de proporcionar às crianças a oportunidade de, ao final do relato, opinar sobre a possibilidade de alteração da história, bem como criticar as atitudes que considerarem errôneas. Outro fator que beneficia a abordagem deste gênero na escola está relacionado à possibilidade de discutir assuntos do cotidiano dos alunos, pois, além do que já foi falado, estimula o aluno a desenvolver um senso crítico mediante questionamentos apontados, quando as crianças se deslocarem até o mundo das fábulas para através da ação, modificarem as atitudes das personagens e, conseqüentemente, o resultado do esquema moralista dando um novo significado ao texto e incorporando ações do seu meio social, o aluno se permite viajar na leitura proposta e através dela compreender o mundo que o cerca, ou seja, incorporando sua vivência de mundo no momento da realização da leitura e das discussões propostas pela narrativa. Diante destas possibilidades do leitor relacionar-se com o texto, o gosto pela leitura é despertado dinamizando esse momento mágico.

Pensar nessas outras possibilidades de leitura e oportunizar modos diferentes de se conceber a ação de ler, é deixar que o próprio aluno estabeleça vínculos de afetividade com a leitura, com os autores e conseqüentemente consigo mesmo. Ao ler, por exemplo, Monteiro Lobato os alunos irão conhecer e discutir aspectos que esse autor apresenta em seus escritos, estabelecer relações com outras leituras e discutir ponto de vistas essenciais para sua faixa etária.

A inovação que Lobato executou nessas obras pode ser observada pela preocupação em determinar uma nova linguagem para essas fábulas diferentemente dos rebuscamentos literários característicos das versões de Esopo e de La Fontaine. Pode-se citar ainda, a valorização da linguagem afetiva e da sintaxe proposta pela oralidade e pelo emprego da linguagem infantil. Essa nova roupagem das fábulas favoreceu uma nova relação com o leitor, transformando-o em interlocutor.

CAPÍTULO II

A Literatura Infantil aliada à aprendizagem eficiente.

Ao ressaltar a importância da Leitura Literária, faz-se necessário também evidenciar a leitura infantil como sendo a mola propulsora para a formação do leitor.

Segundo Cademartori (1986, p.8) a produção literária voltada à criança se revela através do papel que ocupa no seu imaginário e no seu equilíbrio emocional. No entanto, a Literatura infantil apresenta um adjetivo que determina seu público e com isso vai de encontro ao que determina a Literatura enquanto substantivo que está à disposição de todos os interessados.

Continuando o seu pensamento Cademartori (1986, P.11) ressalta que a literatura obteve seu auge de vendas de livros para crianças na década de 80. Foi nesse mesmo período que aconteceu o aumento de associações, congressos, encontros, seminários que se voltaram para o incentivo da leitura infantil através de uma leitura especializada. Com o objetivo de democratizar e melhorar as condições de leitura, principalmente no seguimento inicial da educação brasileira essa literatura surge como uma alternativa possível.

Este investimento deve-se ao fato de pesquisas revelarem os altos índices de analfabetismo no Brasil vistos como consequência da falta de incentivo ao ensino básico por parte dos governantes. Para ressaltar essa provável variante, Lígia Cademartori (1986, P.13) relata que:

Pretendia-se erradicar a informação do subdesenvolvimento educacional através da quantidade e não de qualidade. As televisões educativas do governo, por outro lado, e, mais tarde, o telecurso de iniciativa privada,

sugira como uma alternativa moderna à educação livresca, fruto do avanço tecnológico.

Assim, reconhecendo-se a importância de se investir no ensino básico, a literatura volta a ser evidenciada como elemento imprescindível para o crescimento integral do educando, pois, acredita-se que todo investimento executado nessa fase de desenvolvimento da aprendizagem tem como incentivo promover a formação do leitor eficiente, crítico e participativo como defendido pelos PCN's (2001).

Da constatação do interesse crescente pela literatura infantil, surgem duas vertentes antagônicas defendidas por Cademartori (1986, P.18):

As preocupações pedagógicas coincidem com o descobrimento, pelo mercado, da criança é, de fato, literatura infantil. Há no mercado, muita gratuidade e produções que não vão além do lugar-comum estético e ideológico.

Mesmo se configurando em duas posições contrárias, uma se apresenta como situações positivas e outras negativas, desse modo, concebemos a Literatura Infantil como grande aliada do despertar da aprendizagem para a leitura. Assim, as questões positivas se sobressaem diante das demais.

Sobre essa concepção de educação infantil, enquanto aspectos positivos ou negativos, a literatura infantil desperta para adequar o literário às frases do raciocínio infantil. Palo e Oliveira (2006, P.7) refletindo sobre esse assunto relatam que:

Essa função utilitária pedagógica é a grande dominante da produção literária destinada à infância, e isso desde as primeiras obras surgidas entre nós. Nada mais do que atender a uma exigência da própria estrutura da cultura ocidental em relação ao seu tradicional conceito de ser criança.

Essa ascensão da literatura infantil associada à função educativa acontece por sabermos que a criança aprende mais rápido e melhor quando convive com o material escrito e/ou com o mundo letrado. Portanto, o livro assume esse objetivo de formar corrente.

A literatura infantil possibilita à criança um contato com o mundo. De forma lúdica e através da literatura as crianças podem assimilar valores e comportamentos e são estimuladas para o entendimento dos caminhos que os levarão para a vida adulta.

Sabemos da importância que é ser um indivíduo alfabetizado, saber transformar símbolos gráficos em palavras, mas o mais importante ainda é o ato de ler, de interpretar e entender a mensagem de cada leitura. Quando essa leitura está associada a uma atividade prazerosa com uma mistura de imaginação e realidade, podemos dizer que assim estamos

formando um leitor proficiente. Através do incentivo, de um trabalho pedagógico eficiente, do divertimento, tem-se como consequência uma aprendizagem qualitativa.

Os livros infantis trazem nas suas entrelinhas mensagens pedagógicas e educativas, possibilitando à criança refletir sobre a junção da imaginação e da realidade. Portanto, é necessário tornar a leitura uma prática rotineira na sala de aula. Para as crianças que não sabem ler, o professor deve estar lendo diariamente para elas, lembrando que não se pode menosprezar a capacidade das crianças, capazes de exprimir seus entendimentos quanto aos temas, de acordo com a realidade de cada uma delas.

A literatura é a melhor forma de se aproximar da diversidade cultural que enriquece nosso mundo. Portanto o professor não deve desconsiderar o papel da literatura, que é por si só prazerosa. É possível conseguirmos tudo isso através da beleza estética, do conexo com nossos sonhos e fantasias e ainda pela capacidade de unir aventuras com os heróis e mitos, que tanto encanta as crianças.

Segundo Palo e Oliveira (1986) a pedagogia entra como meio de adequar o literário às fases do raciocínio infantil, e o livro como mais um produto através do qual os valores sociais passam a ser veiculados, de modo a criar na mente da criança hábitos associativos que aproximam as situações imaginárias vividas na ficção aos conceitos, comportamentos e crenças desejados na vida prática com base na verossimilhança que os vincula.

Assim, esse estudo surgiu com o propósito de traçarmos metas para uma boa prática em sala de aula com o gênero textual “fábulas”, despertando o gosto pela leitura literária de forma prazerosa. Além disso, num segundo momento podemos estar enfocando a moralidade das mesmas, nas quais nos leva a refletir sobre uma sociedade mais justa, sobre maldade, inveja, a opinião própria, a esperteza, a fofoca, a desigualdade social, entre outros. Portanto, a literatura pode ajudar muito através de obras consideradas dinâmicas, que despertam a curiosidade dos educandos, mas também que retratem fatos rotineiros de nosso cotidiano. Pensando nessa possibilidade, comungamos com o pensamento de Lerner (2002, p.73), quando afirma que:

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se queria dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita.

Essa citação nos faz refletir sobre as diversas possibilidades de conhecimentos que a leitura pode trazer para o ser humano, pois sabemos que, quem lê se expressa melhor, conhece

outros mundos sem sair do lugar, interpreta a vida de forma ampla, vive melhor porque conhece seus direitos e cumpre seus deveres.

Assim, também podemos concordar com Ferreiro (1988, p. 69) quando afirma que as crianças mesmo antes de serem capazes de ler convencionalmente, tentam interpretar os diversos gêneros textuais que encontram em seu meio (cartazes, outdoors, embalagens comerciais, anúncios de televisão, etc.). A partir dessa constatação, essa autora entende a leitura *"como um processo no qual, para obter significado, o leitor recorre a fontes de informações visuais e não-visuais"*.

Nessa perspectiva a produção literária de Monteiro Lobato, especificamente as fábulas, desperta os sonhos, as fantasias, as histórias que a imaginação se encarrega de construir, mesclando às realidades das personagens reais que vivem conflitos.

O gênero literário em questão também é ideal para o trabalho na sala de aula porque em suas manifestações acerca da leitura, possibilita às crianças, oportunidades de vivenciar produções de cunho ficcional, a qual favorece a valorização da voz e da visão infantil, pelo desgaste das velhas fórmulas do conto para criança, bem como pelo interesse em divertir e não somente em transmitir conceitos pedagógicos e moralizadores.

Os personagens da literatura Lobatiana revelam espíritos aventureiros e trazem consigo a personalidade de heróis tradicionais, mitos, lendas, contos folclóricos e até epopéia, podendo ser encontrados na literatura, cinema, televisão, história em quadrinhos e atualmente jogos de computador.

No Brasil a literatura infantil ganhou destaque com as obras de Monteiro Lobato que exaltou nossas peculiaridades. Assim, passaremos a ressaltar a importância desse autor para a literatura brasileira.

CAPÍTULO III

Lobato na sala de aula

Eternizado por seus leitores, Monteiro Lobato, escritor, polemista, editor, crítico cultural, ilustrador, dentre outros – também é ressaltado por escritores da atualidade.

Devido a suas facetas, principalmente no campo histórico-político, o modernista Lobato foi um intelectual que refletia sobre os problemas brasileiros, por isso, foi também ressaltado dentre os demais de sua época por seus escritos para crianças que mais tarde vieram a ser considerados como clássicos.

Lopes (1999, p.11) referindo-se aos escritos sobre o autor Monteiro Lobato fala que:

Escreve-se sobre Lobato porque ele é clássico, porque reafirma o prazer do encontro com o texto que, para além de falar à criança, ou ao adulto, ou ao brasileiro, diz-nos do humano, em suas infinitas possibilidades de construção.

Assim como essa autora pode-se afirmar que Monteiro Lobato foi um autor para além da sua geração. Tudo o que escrevia revelava um pouco de seu “eu”, do que pensava e do que almejava para sua pátria.

Escrever para crianças foi a pretensão de Lobato, pois, através dos seus escritos foi observado uma transformação na literatura infantil. Dentre várias literaturas infantis, Lobato tem como marco principal a história *A menina do nariz arrebitado*. Essa obra foi publicada em 1921, e traz no seu seio uma “linguagem fundada no recurso ao fantástico e à imaginação” (Lopes, 1999, p.14).

Sobre suas pretensões nos escritos infantis, Lobato dizia que os mesmos “deveriam fundar-se na realidade, como também, na sua crítica através da construção da fantasia” (Lopes, 1999, p.18). E com esse pensamento também apareciam as suas críticas, as traduções dos escritos existentes para as crianças, como também a sua escassez.

Essa preocupação de Lobato com a Literatura Infantil além dos problemas gerais como a formação literária das crianças, também ocorre devido a sua convivência com seus filhos na idade infantil, pois, ele ressaltava a leitura como um recurso primordial para a aquisição da

escrita. Para ele também, a leitura infantil deveria ser espontânea e lúdica, para isso, destacava a importância da escola nesse processo.

A escrita de Lobato, mesmo sendo direcionada à crianças e revelando príncipes, fadas e sacis, não significa que ele absorva puramente e simplesmente os elementos presentes nos contos de fada.

Dessa forma, suas obras são consideradas um marco que rompe com os clássicos das estruturas narrativas. Gouveia (1999, P, 22) referindo-se ao universo de escrita Lobatiana, relata que:

[...] a escrita fantástica produzida por Lobato não significa a incorporação pura e simples de elementos presentes no conto de fadas e no folclore, matrizes de uma escrita que recorre à imaginação. [...] Lobato rompe com os cânones de ambas as estruturas narrativas. Ele não irá trazer elementos da realidade da época, até mesmo ultrapassando-a ao propor para Emília a separação por “incompatibilidade de gênios”, como solução ante um casamento frustrado num texto dirigido à criança em 1921.

Com essa descrição, Lobato separa os escritos iniciais para crianças no Brasil que data dos primeiros anos desse século. Esses escritos demonstravam um cotidiano infantil dentro dos padrões normais da época, com personagens virtuosos, sem defeitos, dentro de padrões “morais, cívicos e religiosos” (Gouveia, 1999, P.13).

3.1. Do contexto fabulístico à cena escolar

Paulo freire (2001) refletindo acerca do ato de ler sugere que o processo de leitura permite que o leitor expresse suas concepções de mundo. Considerando a prática de leitura no contexto escolar, a partir dessa premissa freireana, é necessário que o educador conheça e aproveite a cultura a que pertence seus alunos, valorize as tradições populares e oportunize uma vivência da realidade de modo que possa revelar-se em linguagem oral e escrita.

Zilberman (2003, p.29-30) reconhecendo a importância de uma prática eficiente com a leitura na sala de aula afirma que dessa forma o aluno será capaz de tornar-se um leitor crítico. Assim, diz que:

Integrando-se a esse projeto libertador, a escola rompe suas limitações, inerente a situações como qual se comprometa na sua gênese. É essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem a que a literatura infantil oferta a educação aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional que aponta um conhecimento de mundo, e não como súdito do ensino bem comportado, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola a ruptura com a educação contraditória e tradicional.

É necessário, pois, que nas escolas sejam oferecidas aos alunos oportunidades reais e bem planejadas para que a aprendizagem da leitura e da escrita aconteça de forma mais significativa. Assim, é de fundamental importância que sejam introduzidos nas salas de aulas os diversos gêneros literários. Isso é possível utilizando os diversos meios de expressão textual presentes na cultura popular, pois, considerar a possibilidade de um novo enfoque para a educação, é considerar uma alternativa diferenciada para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Do ponto de vista metodológico, um critério que nos ajudou a chegar aos sujeitos de nossa pesquisa foi o fato de ser eu professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Rogério D. de Tolêdo onde realizei esse trabalho. Este estabelecimento escolar é situado na cidade de Assunção – PB e atende aos alunos da segunda fase do ensino fundamental até a terceira série do ensino médio nos turnos manhã e tarde.

Nosso contexto de atuação foi uma sala de aula do 7º ano do ensino fundamental, composta de 20 alunos que se encontram em uma faixa etária entre 12 a 14 anos, sendo 80% destes, do sexo feminino. Na nossa sala de aula é notável a grande deficiência que os alunos apresentam com relação à leitura, por isso, é importante minha atuação na disciplina de Língua Portuguesa. Faz-se, portanto, necessário procurar metodologias que se não solucionem esse problema ao menos o amortizem.

Assim, mediante essa dificuldade e por ser um conteúdo referente a essa série escolar, resolvemos desenvolver um trabalho de leitura em sala de aula com os diferentes gêneros textuais, tais como: publicitário, literário, instrucionais, jornalístico, humorístico, dentre outros.

O trabalho de leitura em sala de aula, especificamente com as fábulas, foi realizado nos meses de julho e agosto de 2008. Nesta época, voltávamos do recesso escolar e preocupados com a deficiência que muitos alunos apresentavam em relação à leitura, apresentamos alguns gêneros textuais para que fossem realizadas as identificações dos mesmos. A partir daí, distribuí textos entre os alunos contendo diversos gêneros: lendas (retiradas do livro: *Um Saci no Meu Quintal - Mitos brasileiros*, da autora Mônica Starrel. Coleção: Literatura em minha casa), adivinhas (*Bazar do Folclore* - autor Ricardo Azevedo. Coleção: Literatura em minha casa), poemas (*Poesia Sempre* – Vários autores, Coleção:

Literatura em minha casa), fábulas (retiradas do livro *Fábulas* do autor Monteiro Lobato) dentre outros.

Após um primeiro reconhecimento da tipologia textual dividi a turma em equipes para estudo e discussão sobre a característica de cada um deles. Em seguida, aconteceram as apresentações de cada grupo. Os alunos de imediato se identificaram com as fábulas fazendo os seguintes comentários: “as fábulas mesmo sendo textos curtos são interessantes” e “os personagens que mesmo sendo animais nos dá lições de vida”, como também “e que devemos ter cuidado com a esperteza dos outros”.

Quando optamos pelo trabalho com o gênero textual “fábulas” veio a nossa mente a idéia da adaptação como processo característico da produção literária de Monteiro Lobato, não só no caso específico do reaproveitamento das narrativas de Esopo e La Fontaine como também, no uso de elementos do folclore e da tradição popular.

Analisando os comentários dos alunos, percebi que deixar que o próprio aluno participe ativamente do seu processo de aprendizagem, é o caminho ideal para, de forma concreta, desenvolver integralmente o aluno e, mais especificamente, no nosso caso, despertar o gosto dos alunos pela leitura prazerosa e dinâmica através das fábulas.

Ao escolhermos o gênero literário fábula, levamos em consideração a especificidade desta forma literária, que se constitui como narrativa na qual as personagens são animais, cujas ações sempre nos fazem refletir sobre fatos vivenciados por seres humanos ocorridos no dia-a-dia. Sua estrutura se apresenta através de uma ação/reação. O momento da leitura é intenso e, quando vivido em plenitude, propicia ao leitor uma experiência enriquecedora do entrelaçamento entre leitura e vida, da qual não há como não sair modificado. Essa modificação resulta na formação de novos conceitos ou reformulação dos conceitos já adquiridos anteriormente.

A opção em trabalhar com as fábulas nessa pesquisa se deu por concebermos esse gênero literário como proveniente da tradição oral. Inicialmente essas narrativas orais partiam de experiências do cotidiano e tinham a finalidade de entretenimento, sendo dessa forma um gênero que atrai leitores de todas as épocas e de várias faixas etárias.

De um modo geral, toda fábula no seu aspecto tradicional apresenta no final uma situação que representa uma lição de moral. Assim, mesmo sabendo que a fábula apresenta prioritariamente animais em seu contexto, elas representam emoções e sentimentos humanos, que para nós educadores, é uma boa opção para divertir e educar. Além de contar uma história a fábula tem a função de apoiar um ensinamento, alertando os homens a pensar antes

de agir, a fazer amigos, a evitar inimigos, a defenderem-se, reconhecendo a esperteza dos que se julgam mais fortes.

Quanto ao trabalho com o texto literário é importante observar que o texto favorece ao professor uma aprendizagem eficiente que permite o desenvolvimento integral do aluno, através de uma leitura interativa com o texto, com o professor e com o mundo ao seu redor. Nessa perspectiva, o professor também constrói sua formação, fortalece e enriquece seu aprendizado.

A esse respeito Nóvoa (1997, p.26) defende que:

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.

No nosso caso, comungando com o pensamento desse autor, podemos afirmar que na medida em que se estabeleceu um diálogo vivo e participativo na sala de aula, com relação ao texto trabalhado, pode-se dizer que ali ocorreu uma aprendizagem de qualidade.

Assim, em consonância com a turma, ficou definido um estudo mais aprofundado com as fábulas. Sugeri que lessem todo o livro de Monteiro Lobato. A partir dessa atividade, escolhemos algumas das fábulas dessa obra para fazermos leitura, debate e interpretações na sala de aula. Algumas delas são: *A rã e o boi*, *A cigarra e as formigas*, *O rato da cidade e o rato do campo*, *Segredo de mulher*, *O velho o menino e a mulinha*, *O galo que logrou a raposa*, dentre outras.

No dia seguinte iniciamos o trabalho com a fábula *A Cigarra e a Formiga* e solicitei aos alunos que apresentassem comentários sobre o que mais os impressionou no texto.

A partir daqui, tratarei os alunos da turma por A1, A2, A3,..., para manter suas identificações em sigilo, como também criamos nomes fictícios para preservar suas verdadeiras identidades. Para tanto, transcreveremos os comentários dos alunos da mesma forma que foram pronunciados.

Ao refletir sobre a fábula que vamos trabalhar, penso que na sociedade atual, precisamos de formigas trabalhadoras, sérias e profissionais, mas, também precisamos de artistas para embelezar o mundo. As cigarras não são inúteis, elas também alegram os outros com a sua profissão a de cantar.

Isso ocorre na versão da fábula contada por Monteiro Lobato. Por outro lado a forma implacável, cruel e sem sentimento com que a formiga tratou a cigarra, não é nada exemplar para uma conduta de aceitação do outro (do diferente) e de compreensão pelos eventuais

“erros” que possa ocorrer na sociedade de modo geral, esse comportamento da formiga de modo diferente, se faz presente na mesma fábula escrita por La Fontaine, escrita no século XVII.

O contexto foi bastante importante para a versão de La Fontaine, pois naquela época a fábula tinha a função de exasperar a aspereza da situação e enfatizar a negligência da formiga.

Polarizado entre dois momentos opostos da natureza, Verão-Fartura/Inverno-Penúria, a fábula corrobora com a visão utilitarista da sociedade que castiga todo aquele que se afasta dos padrões estabelecidos, premiando os que seguem os moldes propostos.

Dado esse caráter pedagógico a fábula é geralmente organizada em duas partes: a primeira apresenta a história propriamente dita que se passa num mundo fictício, em que as personagens são seres humanos ou animais; a segunda, a moral da história, acentua o significado do que foi narrado e direciona a sua interpretação.

A fábula *A cigarra e a formiga* apresenta a história de duas personagens: a cigarra que passa o verão cantando, enquanto que a formiga se dedica à colheita de suprimentos alimentares para a garantia de sua sobrevivência no inverno. Com a chegada da estação fria, a cigarra se vê desprovida de alimento e vai ao encontro da formiga, em busca de socorro. O final dessa narrativa apresenta diferentes formas em consequência das diversas versões existentes, ou seja, em virtude da incorporação de novos percursos narrativos.

O motivo desencadeador do conflito entre as duas personagens acontece em virtude do conflito existente entre a ação de cantar poder ser ou não caracterizada como um trabalho. Embora tenha passado o verão todo cantando, essa atividade não oportunizou para a cigarra o sustento para atravessar a estação fria.

Mesmo entendendo que esse é um trabalho artístico, no final do verão a cantora encontrava-se “sem comida na despensa”. Sua situação de penúria é apresentada como resultado de uma atitude inconseqüente. Encontrava-se em estado de tamanha precariedade que estava disposta a submeter-se a pedir comida emprestada a sua vizinha. Nesse momento, e por se encontrar em atitude desfavorável, não fazia qualquer exigência quanto à qualidade e/ou quantidade do produto, só pedia algo para poder comer; “algum grão, qualquer bocado”.

O diálogo entre as personagens reforça o discurso do trabalho com fim de subsistência e de acúmulo de riqueza. O sentido depreciativo do verbo “dançar” faz com que pensemos no sentido do discurso do trabalho como algo penoso. Essa concepção aproxima-se da etimologia do termo: “trabalho”. Essa fábula mostra que não se deve agir com negligência em nenhum trabalho para evitar a tristeza e o perigo de ficar sem mantimentos no futuro. Pois, essa leitura

ressalta o ensinamento expresso na moral: nós não devemos ser negligentes, pois é preciso armazenar, nos momentos de fartura, para ter reservas nos momentos de carência.

Dessa forma, mesmo entendendo que nosso objetivo não era de transmitir “uma moral” não podíamos fugir dela. Assim, teríamos de dar continuidade e mesmo pensando na questão lúdica da leitura, compreendemos que outras interpretações seriam pertinentes. A condição da cigarra é enfatizada pelo termo que aparece entre vírgulas: “faminta”. Em contrapartida, acentua-se a maldade das formigas. A fábula indica que o modo como uma pessoa age, em determinado período resultará na imagem que farão dela para sempre. Dessa forma, a formiga passa a representar permanentemente o trabalho, enquanto que a cigarra simbolizará para sempre a canção, numa espécie de fixação dos papéis sociais.

Para iniciar o momento de discussão com a fábula “A cigarra e a formiga”, o primeiro questionamento feito aos alunos foi a respeito do que havia sido discutido anteriormente sobre fábula. Perguntei se sabiam o que era uma fábula. A maioria respondeu que era uma história em que os personagens eram animais. Alguns ressaltaram que os animais tinham “atitudes de gente” e outros lembraram que as fábulas possuem moral.

Discuti com os alunos algumas características referentes às noções do conceito de fábula e em seguida perguntei quais as fábulas que eles lembravam. Citaram várias, e entre elas a que iríamos trabalhar em seguida *A Cigarra e a Formiga*. Expliquei que existiam outras versões para a mesma história, inclusive mudando a sua moral. Li para eles a versão de La Fontaine onde a fábula termina da seguinte forma:

*-Que fizeste até outro dia?
Perguntou à imprevidente.
-Eu cantava, sim senhora,
Noite e dia, sem tristeza.
-Tu cantavas? Que beleza?
Muito bem: pois dança, agora...*

Depois de lido, muitos disseram que conheciam essa versão em que a cigarra "se ferrava". Discutimos sobre essa situação da cigarra, as profissões, a importância de cada uma delas e se eles compreendiam que a cigarra naquele momento também trabalhava. Alguns concordaram com esse ponto de vista, outros ressaltaram que ficariam do lado da formiguinha.

Então, propus trabalharmos com a versão de Monteiro Lobato. Passamos a considerar o que fez esse autor com o gênero.

Para tanto, tomamos a fábula *A cigarra e as formigas* que, já no título, indicia novidades.

Distribuí os textos com os alunos e após a leitura individual, perguntei-lhes: “*Do que vocês gostaram mais nesse texto*”?

Nesse momento nós professores sempre queremos que os alunos falem e discutam da mesma forma que o fazem em situações que não deveriam, como no momento de uma explicação conceitual. No entanto, sabemos que nossos alunos, não foram incentivados a refletirem sobre leituras realizadas em sala de aula. Entretanto, como nosso objetivo era fazer com que eles lessem além do que estava escrito e percebessem que uma leitura pode ser também caminho para outras reflexões. Assim, buscamos através de incentivos verbais nortear reflexões pertinentes ao momento.

No entanto, depois de algum tempo de silêncio, um aluno resolve falar:

Al. 1: Ela (referindo-se à cigarra) foi muito corajosa, não trabalhou e ainda foi pedir ajuda a quem trabalhou.

Prof.: Muito bem, A1, você já descobriu uma característica para a Cigarra. Quem mais? Perguntei. Podem falar, vamos discutir juntos.

Al. 2: ...Humilde também.

Prof.: isso mesmo, A2. Por que você acha que ela foi humilde?

Al. 2, diz: Por ela ter pedido ajuda... É assim que devemos ser.

Prof.: Então turma, vocês concordam com o que A2 está dizendo?

Envolvidos pela coragem desses dois colegas, os demais, começaram a se revelar e a tecer comentários relacionados.

Em seguida outro aluno falou:

Al. 3: Fiquei surpresa com a atitude da formiga.

Prof.: Por qual razão você ficou surpresa, A3

Al. 3: Se fosse eu não daria comida nem abrigo. E foi assim no outro caso, pensei que seria da mesma forma. Pois, o trabalho dela é muito diferente do que os outros faz.

Percebe-se nesses comentários que esses alunos não criticam a ação da cigarra, mas, não dar-lhe-iam ajuda de bom grado. Assim, mesmo que a literatura não tenha fins utilitários, é necessária a intervenção do professor nesse momento para nortear a reflexão dos alunos sobre um nível de aceitabilidade social. Porque por mais que saibamos que existem pessoas

más, também existe o outro lado e até que se prove o contrário somos todos bons. E esse esclarecimento também é tarefa da escola repassar para seus alunos.

Caligari (1997, p. 151) fala que a leitura deve ser a linha do horizonte para a imaginação do aluno. Diante das mesmas histórias, certas crianças revelam emoções diferentes, ficam revoltadas, outras apavoradas, outras, ainda, acham graça e algumas até não entendem o sentido do texto lido. Isso acontece porque cada uma lê a seu modo e a escola deve respeitar a leitura de cada um. Embora a leitura participe de certa convenção, para esse autor ela *é sempre uma obra aberta, jamais fechada*. Comungando com as considerações acima, entendemos que o educador deve levantar questionamentos orais sobre o feito e respeitar cada interpretação que o aluno teve.

No momento em que o professor apresenta algo para ser objeto de leitura, uma tática é dizer para o aluno que dentro da escola ele só está iniciando aprendizagens que os ajudará a conseguir êxito no mundo fora dela.

Caligari (1997, p. 148) afirma que “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

Isto ajuda na autocompreensão do texto em destaque e com certeza acrescentará mais idéias aos outros textos que trabalharemos em seguida. É muito importante fazer um aluno pensar, questionar e debater. Pensando nisso e insistindo na prática anterior, de questionar os alunos, e para dinamizar mais a discussão, perguntei a turma:

Prof. : E o que realmente salvou a formiga?

Al 4: Foi à cantoria dela. Que enquanto as formigas trabalhavam, ela sem saber alegrava elas.

Prof.: Pois é, gente! Cantar também é uma profissão. Então ela também estava trabalhando.

Al. 5: ... Mas, não trabalhava como as outras.

Através desses comentários me reporto ao que dizia no início dessa atividade, a sociedade necessita de formigas, mas também de cigarras, pois, cada sujeito desempenha um papel fundamental para que aconteça um crescimento coletivo. Dessa forma, é importante ressaltar que cada profissão contribui com essa evolução social. É notório que existem trabalhos que se diferenciam no referente à força física, do mesmo modo, existem trabalhos que são mais apropriados às pessoas que se adéquam às atividades intelectuais, culturais, artísticas e etc.

Continuando com a discussão na sala de aula, foi nessa perspectiva que direcionei os comentários:

Prof. : Então turma, compreenderam o papel social de cada profissão, sua utilidade para que todos consigam viver em harmonia?

Al. 6: Então, professora é melhor cantar.

Prof. : Sim, Al 6, no entanto, nem sempre a pessoa faz o que gosta, pois isso depende de uma série de fatores, como por exemplo: se uma pessoa é um cantor iniciante, que ainda não é famoso e não vende shows nem CDs é preciso ele trabalhar em outra coisa para sobreviver pelo menos, por enquanto. Não concordam. Às vezes também a pessoa tem um sonho de ser médico, no entanto, não tem recursos financeiros para pagar uma universidade nem para estudar e fazer cursinho para passar no vestibular, daí se acomoda em outra profissão e fica assim mesmo.

Eu estou só exemplificando, não quero dizer que com isso nos tenhamos que se conformar e se acomodar quem tem um sonho deve buscar meios para realizá-lo. Tá certo! Como no caso da cigarra, que mesmo sabendo que iria passar por dificuldades, continuou cantando.

Quem quer fazer mais algum comentário?

Al. 7: O bom da história é que com a ajuda da formiga, ela ficou boa da tosse e quando chegou o verão ela voltou a cantar.

Houve uma concordância quase que unânime com o pensamento do colega e dando por encerrada a discussão, percebi que mesmo tímidos e um pouco sucintos, os alunos realmente interpretaram o texto de forma satisfatória e surpreendente. Me parece que, quando estimulados a produzirem conhecimentos os alunos o fazem de forma espontânea sem repressão e imposição.

Dessa forma, comungamos com o pensamento de Coracini (2002, p.18) quando defende que a leitura não é só saber oralizar o escrito e, tão pouco, estabelecer a entonação correta. Assim, podemos dizer que a leitura escolar que privilegia o texto como portador de sentido e como lugar instituído do saber, estabelece que a leitura se resume a descobrir o significado das palavras no texto e a procurar ideias principais, sem se deter na interpretação, no entendimento e compreensão. Não é, pois, uma leitura prazerosa mas sim imposta e enfadonha. Portanto, não podemos estabelecer momentos de leitura pela leitura. É necessário dar condições para que essa seja mais do que um simples ato de decodificação.

Em seguida foram lidos elementos constituintes do livro, como o título da obra, o nome do autor, editora, ano de publicação, entre outros. Logo em seguida, ainda na primeira quinzena de Agosto, mais especificamente no dia 11 e 12, sugeri que fizessem uma pesquisa sobre a vida e obra do autor.

Como havíamos planejado e dividido as tarefas por aulas, no dia seguinte, os alunos que leram as fábulas, mostravam-se entusiasmados para apresentá-las para os demais. As fábulas eram lidas e discutidas por todos da sala de aula.

Por se aproximar o dia do folclore, todas as turmas da escola deveriam escolher um aspecto representante dessa data comemorativa para apresentar. Resolvemos, então, encenar uma fábula entre tantas lidas e discutidas; a escolhida pelos alunos foi *Segredo de mulher*, de Monteiro Lobato. Esta foi uma das fábulas que os alunos mais gostaram por se tratar de conversas distorcidas no momento dos relatos orais, que logo associaram a fofoca surgida na sala e mesmo em qualquer lugar, e na maioria das vezes as conversas são repassadas diferentemente das situações iniciais o que favorece conclusão absurda.

A fábula de Monteiro Lobato, como o gênero determina, revela as condições humanas, tomando como modelo os animais. No caso da fábula *Segredo de mulher* mostra uma situação de relacionamentos determinados pela desconfiança do ser humano. Fica evidenciada a presença do teor moralista que o autor passa representando valores apresentados pela sociedade.

Apesar de ter sido escrita em tempos remotos, essa fábula mostra uma contemporaneidade fazendo uma breve reflexão sobre o posicionamento da esposa sob a ótica do marido. Querer testar a esposa revela certa desconfiança que sempre permeou os relacionamentos humanos, sejam eles de cunho conjugal ou de outra natureza. Percebemos que quando a desconfiança se estabelece, laços são quebrados, foi isso o que aconteceu com o ato de Fidência que contou o segredo do seu marido que lhe havia pedido sigilo.

Podemos ainda, através dessa leitura, fazer uma análise particular da condição das mulheres que por muito tempo foram vistas pela sociedade machista como pessoas incapazes de guardar segredo. Mas, o que realmente deve ser analisado nessa fábula é a repercussão que ocorre na história, ao passar de boca em boca. Lobato afirma que “*quem conta um conto aumenta um ponto*”, que pode ser comparada com a brincadeira popular “Telefone sem fio”, (com a mesma moral), pois nos dois casos podemos ressaltar a falha na comunicação humana. Outra questão que pode ser analisada tomando como parâmetro essa fábula, também diz respeito à condição feminina, pois como no caso anterior, a mulher também foi discriminada por longos tempos por acreditarem que elas falam mais do que os homens e por isso não conseguem guardar um segredo.

Aproveitando o entusiasmo dos alunos, foi distribuído o texto entre eles e com alguns ensaios presenciais, percebemos o entusiasmo com que o grupo composto de dez alunos dessa turma, ensaiava esse texto literário.

Nas aulas seguintes, enquanto os alunos se preparavam para encenar a fábula escolhida, explorei os ditados populares como: *Quem com ferro fere, com ferro será ferido; Quem planta, colhe; Roupa suja se lava em casa; Pra baixo todo santo ajuda*; entre outras, retiradas do livro *Bazar do Folclore* de Ricardo Azevedo. Os alunos escreveram os provérbios em fichas móveis e em cartazes e questionei em que momento e em qual situação eles são usados e o que se quer dizer com cada provérbio.

Durante a semana seguinte iniciei as aulas com leituras de fábulas, ora trazidas por eles, ora pesquisadas por mim. Momentos estes, nos quais lemos *O rato da cidade e o rato do campo, O velho, o menino e a mulinha, O touro e as rãs, O galo que logrou a raposa, O sabiá e o urubu*, essas duas últimas trazidas pelos alunos.

Essas leituras eram feitas pelos alunos em círculo com voz alta para que os demais pudessem ouvir. Outras vezes, sugeri que formassem grupos de três e após a leitura explanassem para os demais grupos a história lida por eles. Proporcionando, dessa forma, situações de interpretação e discussão sobre os textos lidos e favorecendo a participação de todos.

Essa proposta de trabalho que foi elaborada especificamente para o trabalho com as fábulas no interior da escola, através da literatura infanto-juvenil, pretende de maneira lúdica focalizar a obra de Monteiro Lobato. Dessa maneira, propus a turma fazermos uma pesquisa sobre a biografia do autor, como também, outras obras escritas por Lobato. Assim, durante as aulas, os alunos faziam leitura do resultado da pesquisa e cada aluno que trazia uma nova informação a respeito desse autor, íamos acrescentando a um texto que estava sendo construído coletivamente sobre a vida de Lobato. Na aula seguinte concluímos o texto “Biografia de Monteiro Lobato”. (vide *Anexo I*).

Intensificou-se o trabalho com a encenação da fábula escolhida. Fazíamos pausa para comentários, arrumação de cenários, ensaios das falas, entre outros. Por fim, aconteceu a dramatização da fábula *Segredo de Mulher*. Essa obra de Monteiro lobato vem comprovar a crença popular na qual se acredita que “mulheres não conseguem guardar segredos”

Sabedoras da opinião da sociedade com relação à postura das mulheres quando se trata de um segredo, o que fazer após uma leitura como esta? As respostas foram dadas pelos próprios alunos à medida que as instigávamos.

Uma das estratégias utilizadas por nós para suscitar reflexões da turma a esse respeito foi exatamente a encenação da fábula. Os alunos ao apresentarem as cenas da história se deitavam em lençóis espalhados no chão e o personagem masculino, pegava um ovo que estava debaixo dele, demonstrando que havia sido ele próprio quem havia botado o ovo, situação esta que acreditamos ter sido causadora de risos e descontração. No entanto, todo esse contexto, serviu para que pudéssemos refletir sobre a importância de uma atividade de leitura que realmente desperte o interesse da turma. Na aula seguinte, avaliamos a atividade e mesmo não sendo o nosso objetivo, refletimos também sobre os ensinamentos apreendidos a partir desse trabalho, como veremos nas falas seguintes.

Para dinamizar a discussão entre os alunos começamos por parabenizar o trabalho do grupo e, ao mesmo tempo, solicitamos que refletissem sobre o comportamento dos personagens da fábula. Essa motivação contribuiu para despertar nos alunos uma releitura do texto. A partir daí, iniciou-se uma sucessão de diálogos conforme transcrevemos a seguir:

A (1): Foi muito bom professora, gostei de ler essa história, agora vou ler também outras. Aprendi também que não saímos dizendo nada do que a gente sabe.

PROF: Muito bem, A1 é assim mesmo, esse é nosso objetivo. Fazer vocês gostarem de ler cada vez mais.

A (2): Professora, eu gostei porque não devemos sair dizendo de nada do que a gente sabemos.

A (3): É mesmo, tem muito povo mentiroso que... que... ele só tinha botado um ovo e aumentaram para cinco ovo.

Prof: Ou mais né? Quem sabe quantos?

A (3): Doze, (+) doze dúzias de ovos.

PROF: Doze dúzias? Não seriam doze ovos?

A (3): É isso ai professora.

Prof: Isso quer dizer o quê pra gente?

A (4): Isso quer dizer que quando a gente souber de uma conversa não sair espalhando para ninguém.

A (5): Quando a gente souber de uma conversa não sair espalhando nem aumentando as coisas, que isso é feio.

PROF: A (6), você gostou de ler e representar essa fábula? Que mensagem a fábula te passou sobre o comportamento das mulheres na sociedade?

A (6): Ah meu Jesus! Gostei muito professora. Por que quando a gente souber de um segredo não falar para ninguém nem sair espalhando. E eu aprendi isso quando li a história, e quando a gente discutiu aqui. né.

PROF: Pois é, gente! Gostaria de dizer que a gente pode refletir sobre tudo isso através dessa fábula e existem muitas outras coisas a se discutir, quando a pessoa ler, quando gosta de ler todos os dias a pessoa se torna mais desinibido, fala bem, participa das conversas aprende mais. Porque é através da leitura que a gente fica conhecendo as coisas que acontecem longe, conhece lugares, viaja pelo mundo todo sem sair do lugar. E mais importante do que isso tudo é que a gente ao ler se torna pessoas mais críticas, sabe se impor com objetivos, com conhecimentos. Não é?

PROF: A (7) O que você tem a falar sobre a mentira pregada pela Fidência, como devemos ver isso no nosso dia a dia?

A (7): Ah professora! A gente não sair espalhando as coisas, que, alguém conta a nós... Mentir é feio, ninguém acredita mais na pessoa, só isso mesmo.

PROF: A (8), não quer falar nada? O que você achou do comportamento da personagem?

A (8): Eu agora sei que a pessoa não pode tá aumentando as coisas no meio da rua.... Que se souber de uma fofoca, não contar para ninguém, que pode ser mentira.

A (9): Já eu, sei que o homi tem que dizer as coisas para a muié e a muié não sair espalhando, sim, ... aprendi sobre..... sobre..... Monteiro Lobato. Né Professora?

PROF: Muito bem, vejam só, gente! Ninguém tinha se lembrado do autor das fábulas que estudamos e fizemos a pesquisa sobre ele, estão vendo quantas coisas importantes foram discutidas.

E você A (10)?

A (10): A pessoa não pode dizer nada que a outra pessoa diz pra gente.

A (11): Eu entendi que o mesmo aconteceu com Israel¹, ele quebrou a perna e o povo aumentou dizendo que ele tinha morrido. (Esse caso se refere a um rapaz da cidade que foi acidentado em outro Estado brasileiro, mais especificamente no Rio de Janeiro).

PROF: Muito bem, a leitura também nos leva a pensarmos de modo reflexivo sobre essas coisas. A sabermos nos comportar na sociedade. Certo! No entanto, gostaria de dizer pra vocês que existem situações onde é necessário falarmos para uma pessoa adulta, pois, nem sempre calar diante de algum fato é aconselhável, já pensaram se não existissem denúncias sobre maus tratos as crianças, aos velhinhos e aos animais, esses são só alguns exemplos mas, tem outras coisas também. Alguém mais quer falar? (a turma toda fica em silêncio).

Então, vocês realmente demonstraram que quando a pessoa quer, quando se trabalham juntos a aprendizagem acontece sem muito esforço, pois vocês até aqui puderam perceber que toda essa discussão foi gerada através da leitura, conheceram um novo autor, trabalharam em grupo,

¹ Israel é um morador da cidade de Assunção que possui familiares morando na região Sudeste do Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro e numa viagem para ver seus parentes, o mesmo sofreu um acidente que foi lembrado pelo aluno.

compreenderam a mensagem e os outros assuntos como mentira e o valor da mulher na sociedade, saibam que todas essas discussões são importantes para todos nós.

Como vocês recordam, toda fábula tem como objetivo dar uma lição de moral, são histórias fantasiosas com personagens de bichos, né. Mas, também desperta o nosso senso crítico e o gosto pela leitura, pois através dessas atividades creio eu que vocês vão querer ler mais, não é gente.

Foram com reflexões como estas que encerramos a aula. Para nós, no entanto, faz-se necessário desenvolver atividades de leitura como as citadas acima. Pois, enquanto os professores não se conscientizarem que só se forma leitores através de exemplos e de atividades diárias de incentivo à leitura não vamos conseguir transformar nossos alunos em leitores assíduos.

Podemos dizer também, que embora não seja objetivo nosso explorar a moral das fábulas, elas mostram pontos de vista sobre comportamentos humanos. Ou seja, ela ensina certos comportamentos e censuram outros que devem ser evitados, mas antes de tudo, ser discutido e refletido dentro da escola, que é o espaço dentre tantos outros, de formação do cidadão.

Para analisar esse momento de aprendizagem, comungo com o pensamento de Paulo Freire (2003, p. 20) quando afirma que *a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele*. Então, essa fábula de Monteiro Lobato, na qual os personagens são levados por curiosidade ou vaidade a contar um segredo, trouxe aprendizagens para a turma quando eles afirmam que:

Eu posso dizer que a pessoa não pode tá aumentando as coisas no meio da rua.... Que se souber de uma fofoca, não contar para ninguém, que pode ser mentira. A (8)

Já eu aprendi que o homi tem que dizer as coisas para a muié e a muié não sair espalhando, sim, ... aprendi sobre..... sobre..... Monteiro Lobato. Né Professora? (9):

Ah meu Jesus! Gostei muito professora. Por que quando a gente souber de um segredo não falar para ninguém nem sair espalhando. E eu cheguei a essa conclusão quando li a história e quando a gente conversou, né.(6):

Essa aprendizagem, dentre outras citadas acima, pode ser apontada como um processo sem imposições, pois, à medida que discutíamos todas as possibilidades de compreensão do texto os alunos eram também construtores do próprio saber, salientando um saber adquirido de forma prazerosa, através da reflexão, da discussão, ou seja, da interação entre todos os envolvidos.

Assim, o momento da leitura é intenso e quando vivido em plenitude propicia ao leitor uma experiência enriquecedora do entrelaçamento entre leitura e vida, da qual não há como não sair modificado. Essa modificação resulta na formação. A leitura extrapola, então, a simples decodificação de sinais, amplia-se no entrelaçamento dos significados, na construção de novos sentidos, na compreensão maior do homem, da vida e do mundo.

Outra questão relevante é que muitos educadores não gostam de ler, e conseqüentemente não conseguem ensinar através do exemplo nem repassar o prazer de uma boa leitura para os alunos. Devido a este e outros fatores, o processo da leitura se torna maçante, cansativo e mais além não acrescenta nada ao aluno. Com isso, o discente toma antipatia por este processo tão maravilhoso.

Outro fator que deve ser levado em consideração é o respeito pela maneira como cada aluno lê, suas preferências ou onde gostam de ler. Muitos professores acham que a sala toda deve ler de uma só forma; sentados nos mesmos lugares, ignorando as diferenças de cada um, pois, sabemos que cada aluno desenvolve seu processo de leitura de forma diferenciada. Uns gostam de ler deitados, outros no silêncio do seu quarto, debaixo de uma árvore. A leitura aparece na vida dos nossos alunos de forma diferenciada.

II. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar nossa pesquisa diremos que, com a iniciação à leitura literária bem planejada e desenvolvida em sala de aula faz com que o aluno adquira condições de ler bem, de se interessar pela leitura e de ler sabendo compreender o que leu.

Essa atividade proporcionou para os nossos alunos o conhecimento do grande escritor brasileiro que foi Monteiro Lobato e de outros escritores de outras épocas, como Esopo e La Fontaine. Nesse sentido, as noções de leitura literária aplicadas durante a análise de um texto só se justificam quando contribuem efetivamente para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois concebemos a leitura como algo dinâmico e enriquecedor e nunca deve ter um fim em si mesmo.

Assim, podemos dizer que a escola de Ensino Fundamental e Médio não quer formar críticos literários mas, através de leituras possíveis, auxiliar os alunos na reflexão sobre assuntos diversos e reais. Dessa forma, é possível perceber o valor educativo da literatura,

que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos, mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais variadas situações.

Dessa maneira optamos por trabalhar fábulas por apresentarem situações de confronto e mostrarem diferentes possibilidades de discussões, à medida que são usadas pelos personagens em busca de seus objetivos. Um aspecto significativo desse gênero literário para se questionar em sala de aula, está relacionado a forma como os personagens se utilizam de recursos para enganar, dissimular intenções, distorcer o significado dos fatos, etc. Muitas vezes, a moral de uma fábula pode nos chocar por seu cinismo, pois mostra claramente a vitória dos espertalhões sobre os ingênuos, dos fortes sobre os fracos. Porém, a lição mais importante desse tipo de texto não está na aceitação pura e simples da “moral da história”, e sim na análise e compreensão do modo como certos personagens enganam ou vencem outros.

Com as fábulas, aprendemos a reconhecer o modo de agir de um sedutor ou de um adulator, aprendemos a nos precaver contra certas atitudes, a desconfiar de certos tipos de pessoas e a tomar cuidado com as armadilhas da linguagem. Nesse sentido diríamos que as fábulas podem ser vistas como um excelente exercício de reflexão sobre o comportamento humano e sobre “verdades” estabelecidas, mas não como uma forma de impor no leitor tais ‘verdades’. Do ponto de vista pedagógico, atividades de leitura tais como estas, exigem a participação ativa do professor, pois ele deve estimular nos alunos o posicionamento crítico diante do texto, pedindo-lhes que comentem as ações das personagens e que reflitam sobre a situação apresentada, relacionando-a com fatos da vida real.

III. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. 126p.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacional: Língua Portuguesa*. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Direitos humanos e literatura*. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. *Direitos humanos* São Paulo: Brasiliense, 1989.

FERREIRO, Emília. *Reflexões Sobre Alfabetização*, 1988.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1982.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura*. Campinas, Pontes, 1992.

LA FONTAINE. *Fábulas*. São Paulo: Edigraf, s/d.

LAJOLO, Marisa. *A modernidade em Monteiro Lobato*. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

-----*O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos).

-----*Do mundo de leitura para a leitura do mundo*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1994. Educação em Ação.

LERNER, Delia. *Ler e Escrever na Escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Fábulas e histórias diversas*. 16ªed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense. 1994.

PALO, Maria José. OLIVEIRA, D. Maria Rosa. *Literatura Infantil Voz de Criança*. Séries Princípios, São Paulo: Ed. Ática, 1986.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 2ª ed. São Paulo: Global, 1982.

_____.(org.) *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.

IV. ANEXOS

ANEXO I

Monteiro Lobato

José Bento Renato Monteiro Lobato foi um dos primeiros escritores da literatura infantil no Brasil. Ele nasceu em 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté (SP). Desde pequeno já se interessava pela literatura e mostrava-se talentoso para o desenho. Aos 14 anos, já escrevia contos para os jornais da escola. Em 1900, mudou-se para São Paulo, lá estudou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e lá fundou a sociedade literária Arcádia Acadêmica. Colabora com o jornal Onze de Agosto. Forma-se bacharel em Direito em 1904 e regressa a Taubaté. Sendo um ilustre morador daquela cidade, em reconhecimento ao seu talento, três anos depois, é nomeado promotor público em Areias e em 1908, casa-se com Maria Pureza, com quem teve três filhos.

Tem artigos publicados pelo jornal o Estado de São Paulo, incluindo uma enorme pesquisa sobre o Saci. Em 1917 cria o polêmico personagem Jeca Tatu, e no ano seguinte lança Urupês seu primeiro livro de contos.

Em 1918, funda a Editora Monteiro Lobato & Cia, usou esse espaço para lançar autores inéditos e melhorar a qualidade gráfica das publicações do país, mas vai à falência. Mais tarde, funda a Cia. Editora Nacional. Em 1920 publica Negrinha e A Menina do Narizinho Arrebitado, sua primeira obra para crianças. Daí surge novos personagens, como Dona Benta, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Tia Nastácia e a boneca Emília.

A obra de Monteiro Lobato tem grande importância para os leitores, pois retrata através de seus conhecidos personagens como Jeca Tatu e Emília, vários problemas sociais que o tempo não os apagou da sociedade. Em uma de suas conhecidas obras, O sítio do Pica-pau Amarelo, Lobato encanta não só crianças, mas adultos, por suas histórias divertidas, encantadas e com um fundo de moral. Apresenta, também, personagens do imaginário literário, figuras folclóricas e a tradição de contar histórias, tudo com um gostinho do meio rural.

Através de seus vários personagens, Lobato criou um mundo de faz-de-conta, onde realidade e sonho não tinham fronteiras definidas. Com aventuras divertidas, Lobato ensina valores éticos, culturais revela o mundo rural, os problemas do dia-a-dia, e principalmente, desperta o senso crítico. As obras de Lobato ensinam através de brincadeira.

Monteiro Lobato, autor da famosa frase “um país se faz com homens e livros”, escreve em torno de duas dezenas de livros para crianças e outros tantos volumes para adultos, entre contos, ensaios e artigos. Monteiro Lobato morre em 04 de julho de 1948,

vítima de um acidente vascular. Em sua homenagem no dia 08 de janeiro de 2002, foi instituído o dia 18 de abril como Dia Nacional do Livro Infantil, em homenagem ao nascimento de um dos maiores escritores brasileiros do século XX.

ANEXO II

(Imagens referentes à encenação da fábula “Segredo de Mulher”)